

## TERREIRO DE JAUÁ (Manso Kilembekweta Lemba Furaman) - Laércio Sacramento

### OS POVOS BANTUS

(Fita 3 - Lado A)

Eram povos com línguas e costumes diferentes mas que tinham a mesma raiz, por isso etnólogos convencionaram chamá-los de povos Bantus.

O padre Raul Ruiz Asua Altuna, em seu livro "Cultura Tradicional BANTU,

Às pgs 17 E 18 escreve:

"Os bantus além do nítido parentesco lingüístico conservam um fundo de crenças, ritos e costumes similares, uma cultura com traços específicos e idênticos que os assemelha e agrupa, independentemente da identidade racial. Assim é possível falar em "um povo bantu" ainda que subdividido em múltiplos grupos de características acidentais muito variáveis e com uma historia diversa e até antagônica. Um terço da população negra africana é Bantu."

Não tinham uma estrutura religiosa rígida com templos, até porque alguns eram nômades.

A religião tinha no patriarca familiar seu chefe espiritual; era pois uma religião clânica.

O tráfico de escravos desfazia estas famílias, e quando estes povos eram trazidos para o Brasil, já tinham perdido suas referências, sido convertidos a fé cristã, as vezes a ferro e fogo, como prenunciara o Padre Carlos Esteamann, que em carta ao Rei de Portugal, declarou:

"Em todo caso está provado abundantemente a existência nos nossos indígenas (nativos d'Africa) de uma certa espiritualidade. Estão eles longe de ser livres pensadores.

Para lhes TRANSFORMAR A MENTALIDADE PRIMITIVA (grifo nosso) livrando-se de superstições vergonhosas e imorais, não seria meio adequado arrancar-lhes as crenças todas.

Isso seria na maioria dos casos esforço baldado, pois (*natura non facit saltus*). E onde isto se conseguisse, teríamos por resultado um produto monstruoso e não um preto civilizado no bom sentido da palavra. O único meio apropriado para conservar o indígena dentro das linhas de sua evolução natural é suplantá-lhe as crenças vãs e perigosas por outras, baseadas sobre a revelação cristã e com grande poder moralizador."

Os negros vindos de Angola e Kongo, que tinham no culto a seus antepassados e seus ancestrais, únicos donos da terras, o pilar central de sua religião, encontrando-se numa terra estranha, perdiam todas as suas referências.

Para sobreviver e preservar algumas de suas tradições tiveram que reinventar, adicionar, subtrair, ritos, deuses, língua usos e costumes.

Têm-se noticias nos anais da SANTA Inquisição de alguns processos contra negros chamados de KALUNDUNZEIROS, acusados de bruxaria e feitiçaria, por praticarem curas, através de seus conhecimentos herdados de seus antepassados.

## TERREIRO DE JAUÁ (Manso Kilembekweta Lemba Furaman) - Laércio Sacramento

Com a chegada dos Yorubanos nos fins do século 18, estabeleceram-se trocas entre as diversas etnias, os bantus, os nagôs, os fons.

E creio que foi o momento que começou a criação do que hoje chamamos de CANDOMBLÉ.

Os negros chamados hoje da nação KETU passaram a cultuar no mesmo templo todos os orixás, e formaram uma estrutura hierárquica no Brasil, que não existia na África.

O mesmo acontecendo com os negros Bantus, que além de seguir o modelo Yorubano, por força de suas tradições não poderiam deixar de cultuar os donos dessa terra, ou seja os ancestrais de nossos índios, chamados de Candomblé de Caboclo.

O culto ao Boiadeiro, ao contrario do que muitos pensam, é oriundo da África. José Redinha em Etnias e Culturas de Angola, registrou a presença de imagens comerciantes sertanejos montados em bois e cavalos nos oratórios nativos, como padroeiro de bons negócios...

No Candomblé do Brasil, convencionou-se chamar-se de "nação" aos grupos que usassem predominantemente uma língua africana. Assim os candomblés que usavam as línguas Kimbundo e Kikongo e Ovibundo, passaram a se chamar " Candomblé de Angola, ou Candomble da nação Angola, e seus adeptos de Angoleiros. Como em Cuba chama-se Palo Monte , e Paleiros seus adeptos.

Stephania Capone na introdução do seu livro: "A busca do poder na África do Candomblé", afirma que Raimundo Nina Rodrigues foi o criador dessa

"superioridade Iorubana" sobre as outras etnias invocando um purismo.

Este purismo é facilmente contestável e até indefensável. Pois todos os Candomblés são sincréticos, e todas as religiões são sincréticas.

Nos candomblés chamados de Ketu, ou vodum- nagô , misturam-se cânticos e toques de outras nações como do Gege e do Ijexá.

Entretanto criou-se entre os angoleiros um sentimento de inferioridade,.

A palavra de um doutor (Raimundo Nina Rodrigues),no início do século XX, para aquelas pessoas desletradas, tinha um peso de lei.

Acreditamos que o êxodo de Angoleiros para os terreiros Iorubanos iniciou-se nesta época.

Aqueles que resistiam em trocar de nação, e permaneceram angoleiros passaram a procurar uma equivalência de seus Nkisis com Orixás, tentando criar uma equivalência de valor, para igualar-se aos considerados superiores, ficando a diferença apenas por conta da língua.

Na verdade Nkisi e Orixá são duas entidades diferentes e de cultos semelhantes , mas não iguais.

Esse recurso já fora usado antes com os santos da Igreja Católica.

Quando se dizia que Iansã era Santa Bárbara, que Xangô era São Jerônimo, numa tentativa de valorizar as entidades das Religiões de matriz Africana.

## TERREIRO DE JAUÁ (Manso Kilembekweta Lemba Furaman) - Laércio Sacramento

Enquanto para os Iorubanos Orixá é um Deus, para os Bantos o Nkisi é um gênio, uma entidade intermediária entre os homens e Zambi.

As semelhanças existentes nestes cultos, deve-se certamente, ao convívio entre as diversas etnias nas senzalas, durante a escravatura e todo esse processo de discriminação feita pelos Iorubanos aos Angoleiros.

Nós da nação Angola temos que manter a nossa identidade.

Muito longe de defendermos um purismo falamos de manter a nossa identidade.

Mencionando-se sempre os nomes de nossos Nkisis, chegará um momento em que todos saberão do que e de quem estamos falando.

Lamentável é que os angoleiros quando ouvem constantemente afirmações como por exemplo:

"Voce é feito no Angola, mas seu santo é de Ketu." ou então "Você foi feito no Angola mas você tem um santo de Ketu"... se sentem honrados.

### DA MANUTENÇÃO DE NOSSA IDENTIDADE

A valorização e uso exclusivo de nossos símbolos, nossas línguas, nossos ritos corrigirá esta injustiça histórica.

Atribuir-se a proeminência Iorubana, à "pobreza mítica" dos bantos, é uma conclusão apressada, infundada

e leviana.

Nina Rodrigues em "Os africanos no Brasil", e Artur Ramos em "O negro Brasileiro", cometeram esse equívoco terrível. E como foram os precursores dos estudos das religiões afro-brasileiras, outros lhe seguiram neste erro.

Cessada a repressão policial e tendo ido por terra a inferioridade da raça negra e conseqüentemente de sua religião, tese defendida pelo mestiço Nina Rodrigues, norteando-se pela Academia Francesa de Antropologia do século XIX, há que procurarmos nossa identidade, tomando como base o pensamento e a cosmovisão Bantu e das tradições religiosas africanas, adaptando-os aos dias de hoje.

Roberto Mota, no segundo congresso Afro-brasileiro, afirmava com muita propriedade que "Religião afro-brasileira não é simples recordação, mais elaboração contínua".

Os nossos antepassados escravos abandonaram o culto a muitos Nkisis por não lhe serem úteis na escravidão.

Para que rogar ao Nkisi Soje, protetor das crianças e do parto, para fornecer mais escravos ao senhor?

Rogar a Buzi, por chuvas, para favorecer as colheitas do seu amo?

Como estes muitos Nkisis e ritos foram esquecidos, mas este resgate se faz necessário.

Sabemos que algumas pessoas desavisadas julgam

## TERREIRO DE JAUÁ (Manso Kilembekweta Lemba Furaman) - Laércio Sacramento

angariar prestígios, fama e respeito, dizendo receber Lúcifer e seus acólitos e ao mesmo tempo se denominando candomblecistas. Isto é um ato impensado, pois isso só reforça a tentativa de demonização de nossa religião feita pelos cristãos católicos ou evangélicos.

Já ouvimos muitas vezes sacerdotes e sacerdotisas de todas as nações do candomblé dizerem :

"Amanhã vou dar comida ao meu diabo!!!"

Seria bom que no futuro o candomblé se distanciasse e se desvencilhasse desses penduricalhos ou disfarces já desnecessários, pois que ninguém vai mais para o inferno, nem para a fogueira por não ser cristão.

Durante a repressão policial no início do século passado até os anos 70 os candombleseiros não faziam questão de desfazer o equívoco de nos considerarem adoradores do Diabo, chegando mesmo alguns a afirmarem terem em seus terreiros diabos a que cultuavam.

Pensavam estarem assim protegidos, pelo medo que os cristãos tinham de pertencermos a uma "religião satânica", ficando assim as casas de candomblé preservadas.

Hoje essa estratégia de sobrevivência não se faz mais necessária.

É preciso darmos a Nzila sua verdadeira essência, valor e proeminência no nosso culto, na sua qualidade de Senhor dos caminhos.

Nkisi de grande importância, e a quem louvamos antes de iniciarmos qualquer ritual.

Os colonizadores ao chegarem à África, já encontraram a cruz como símbolo de grande importância para os Bantos.

Ao contrário da cruz cristã, que lembra uma carnificina, a cruz dos Kongos, tem outro significado.

A linha horizontal representa o limite, a fronteira entre dois mundos - dos mortos e dos vivos - e a linha vertical, significa o ponto de união entre os dois.

O Bantu fazia inclusive um juramento em cima dessa cruz desenhada no chão; no ponto em que as duas linhas se encontram.

Assim se situando entre a vida e a morte invocando o julgamento de Zambi, e se não estivesse dizendo a verdade, se estivesse mentindo seu castigo seria a morte.

As encruzilhadas têm um conceito indestrutível e de suprema importância no mundo Bantu, como ponto de intersecção entre os ancestrais e os vivos.

Eles imaginavam o mundo como sendo duas montanhas opostas em suas bases, ligadas pelas águas. O mundo acima era dos vivos, chama-se Ntôto. E o mundo abaixo, dos mortos, Mpemba.

É importante frisar que Mpemba não é o mesmo que Pemba que usamos em nossos rituais.

Cultuavam as forças da natureza, os gênios, os Nkisis. Veneravam os mortos e antepassados, fundadores dos clãs a quem ofereciam sacrifícios e oferendas.

## TERREIRO DE JAUÁ (Manso Kilembekweta Lemba Furaman) - Laércio Sacramento

É o que hoje fazemos quando cultuamos os Caboclos no Brasil e também fazem os católicos quando veneram seus santos que nada mais são que antepassados da religião católica que se notabilizaram .

O homem é um elemento participante da força de Zambi.

O pecado não existia.

Acreditamos na reencarnação, mas não como processo expiatório, mas um processo natural.

Céu e Inferno, não cremos na sua existência... Sem a veleidade e a presunção de nos considerarmos superiores as outras criaturas, a reencarnação pode se dar em qualquer forma de vida.

Os males que nos afligem são provocados por Kazumbi, espíritos maus que vagueiam neste mundo, pois os bons vivem no reino de Kalunga Gombi. Acreditamos que a vida do homem não tem fim - a morte é uma transição para outro mundo, uma mudança.

O sol nascendo e se pondo, forma um círculo que simboliza a eternidade da vida do homem. Para o Bantu a morte é uma transição, não um fim.

Temos pois, linguagem e ritos próprios, porém pouco difundidos. Devemos resgatar e difundir este saber, para mostrar aos Angoleiros que não precisamos de empréstimos , pois temos uma Cosmovisão própria.

É importante que tenhamos sempre em mente o quanto nossos antepassados contribuíram para formação da cultura desde Brasil.

Devemos deixar para nossos sucessores não associações recreativas, folclóricas, mas uma religião séria, uma fé firme em Zambi Apungo, nos Nkisis e encantados, em nossos antepassados e ancestrais.

Esta é a nossa proposição.

Confiemos na ajuda de nossos ancestrais e procuremos revitalizar a nossa fé, a nossa crença e a nossa identidade.

As religiões que tem como farol a bíblia, sempre conclamavam as pessoas dizendo serem... "o caminho para a vida eterna, para a salvação de suas almas".

Tinham na vida espiritual a sua meta. Suas promessas e recompensas estavam em ganhar o reino dos céus e a sentar-se ao lado de Deus.

O Candomblé não, sempre ofereceu a solução para os problemas materiais, financeiros, amorosos, de saúde.

A vicissitude era a forma de chamamento do Nkisi ou do Orixá. Ou do Vodum .

Algumas igrejas evangélicas ladinamente, surrupiaram este discurso.

Hoje eles dizem : "Jesus vai te dar emprego, vai te curar; joga fora teus óculos que Jesus vai te fazer enxergar sem eles; vai te livrar de tua dor de cabeça, de tua ansiedade, vai ajudar a que faças uma boa feira toda semana; e como disse o compositor e cantor brasileiro Chico Cesar "esta gente não deixa Deus em paz, e faz dele seu criado".

## TERREIRO DE JAUÁ (Manso Kilembekweta Lemba Furaman) - Laércio Sacramento

Algumas igrejas evangélicas fazem descarrego, limpezas e vendem ingressos para o céu.

Os pastores pela rádio e televisão, induzem as pessoas a prestarem aqueles depoimentos pagos por eles, forjados, onde declaram terem resolvido seus problemas financeiros, familiares, de impotência, de alcoolismo, sem se falar na cura do câncer e até da aids.

Contratam pessoas para fingirem estar com Exus, e eles com a força de suas mãos expulsarem os demônios, numa encenação grotesca e as vezes hilária.

É ai que reside o sucesso e a expansão de suas igrejas, pois, só com o reino dos céus e o paraíso, eles não conseguiriam tantos adeptos. Pois estas promessas e acenos com a glória dos céus, os evangélicos e a igreja católica já vem fazendo há muito tempo.

A despeito da atitude antiética destes pastores, eles têm por trás uma teologia e filosofia cristã, a lhes dá sustentação teórica.

E nós do Candomblé?

Às perguntas: quem somos? De onde viemos? Para onde vamos? Que respostas temos?

As gerações passadas não faziam esses questionamentos ou por suas limitações intelectuais ou por não se atreverem.

As explicações baseadas no sincretismo católico ou no espiritismo kardecista lhes satisfaziam.

O resgate que se faz das tradições religiosas Bantu, não tem intenção de uma volta ao passado, ou de

uma reafrikanização do ritual e liturgia do Candomblé, nem de uma modificação nas tradições no Brasil.

É no entanto a forma mais adequada para lutarmos contra a discriminação. E mais ainda contra a pior de todas, a que é feita por discriminados.

Penso que os Yorubanos ao nos discriminar não percebem a incoerência de sua atitude.

E como muito bem disse o professor e Babalorixa, Julio Braga certa vez: "Até a palavra Angoleiro é pejorativa".

Acrescente-se toda carga discriminatória que sofremos pelos cristãos, pela sociedade, pelo racismo disfarçado de alguns a mais dolorosa e insana que é a dos irmãos afro-brasileiros, da nação Ketu.

Ao dizerem que não somos nação; não temos deuses próprios; não temos vocabulário, que não temos fundamento e nada pra dar a ninguém, demonstram claramente desconhecer a riqueza de nossas tradições Bantu.

No fórum do povo de santo, durante o quinto congresso afro-brasileiro, ocorrido em Salvador em 1997, fizemos diante de uma platéia majoritariamente de Iorubanos uma pergunta para qual só obtivemos respostas em 2001, ao lermos o livro de Stephania Capone, já citado anteriormente.

"Por que um povo que aqui chegou primeiro e que tanto contribuiu para a formação da cultura brasileira, tem as suas tradições religiosas tratadas com pouco caso?"



## TERREIRO DE JAUÁ (Manso Kilembekweta Lemba Furaman) - Laércio Sacramento

Alguns estudiosos desavisados, ainda hoje teimam ignorar a origem de manifestações folclóricas como: Maculelê, Congada, Jongo, Capoeira, Roda de Samba, o Samba, o Baião. E desatentos à quantidade enorme de palavras de origem Bantu pronunciadas ao seu redor e inseridas na língua portuguesa falada no Brasil, teimam em APENAS falar de uma herança Iorubana, esquecidos que os BANTUS chegaram ao Brasil, segundo o padre Antonio Vieira, em 1535.

Temos também que ressaltar o grandioso momento da luta contra a escravatura que foi o quilombo dos Palmares e Zumbi.

Ignoram, propositadamente ou não, que Zumbi era Bantu, e que a formação urbana do Kilombo dos Palmares era idêntico ao traçado da Capital do Kongo que os portugueses encontraram, e do reino de Nzinga.

Nossa terra e nossa brasilidade deve muito ao sangue Kongo, Angolano derramado em nosso solo, não só de forma ignominiosa, debaixo dos chicotes mas com heroísmo desmedido.

Henrique Dias, chefe das forças negras contra a invasão holandesa, Natividade Saldanha ardente revolucionário de Pernambuco, João Gomes de Rêgo o Caçumbá figura da efêmera República do Equador, na revolução pernambucana na de 1824, Luis Inácio de Azevedo, que teve seus miolos atirados aos cães, Chico Rei ex-escravo do Congo, considerado por alguns um mito, que tornando-se proprietário da rica lavra de ouro das encardideiras dos socavões das lajes de Ouro Preto foi alforriando um a um seus companheiros cativos, tornando-se rei novamente para os negros, pois já o fora na África.

Alguns antropólogos negam a existência real desse rei, desse Chico Rei, alegando faltarem documentos que comprovem a sua existência, mas sabemos perfeitamente como são raros os documentos que comprovam a existência até da escravatura no Brasil.

Devemos ao grande pequeno Rui Barbosa o favor de ter mandado queimar todos os documentos que lembravam a escravidão no Brasil, nos privando das provas de fatos históricos de nosso Brasil.

Encontramos em nossos costumes, dentro e fora do candomblé alguns exemplos que podemos atribuir a herança Banto.

Por exemplo, quando um Nkisi castiga um filho componente de um barco de Muzenzas, (o grupo de pessoas que são iniciadas juntas, chamamos de Barco), todos os outros irmãos são castigados por seus respectivos Nkisis.

O que a primeira vista pode parecer uma injustiça, nada mais é que um tradicional costume Angolano registrado por Carlos Eastiman em "Etnografia de Angola", página 110: "segundo o conceito tradicional, não é só o indivíduo em particular que é tido como o responsável pelo crime, mas toda a sua família no sentido extensivo do termo".

Outro exemplo que julgamos ser uma influência da cultura Banto é o costume das crianças de cruzar os dedos em cruz diante da boca e beijá-los para fazer ou reforçar um juramento, esse costume inclusive encontra-se em desuso.

Os tios, na família têm uma importância

## TERREIRO DE JAUÁ (Manso Kilembekweta Lemba Furaman) - Laércio Sacramento

fundamental no seio familiar. Eram na verdade os responsáveis na criação e educação das crianças.

Será que o costume, que hoje já está se perdendo, de chamar os mais velhos de tio, não viria daí?

As moças durante o período de iniciação na África eram chamadas de "Vós Rapazes". Pergunto: E este costume na conversação corrente na Bahia de chamar rapaz, às moças, de onde terá vindo? Muitos outros exemplos poderíamos enumerar.

No início do segundo milênio da era cristã, havia em Angola e em parte do rio Zaire diversas estruturas político-religiosas, os Klãs.

Cultuavam os ancestrais e formavam os chamados Kanda, pelos Kongos e baseava na linhagem genealógica.

Quando a prosperidade e força se sobressaíam num grupo não diretamente ligado a árvore genealógica mas, por serem mais hábeis nas suas alianças e matrimônio, formava-se então um parentesco simbólico de modo a facilitar a aceitação da autoridade numa vertente mais antiga do Klã.

Tínhamos pois, a Kanda seguindo o parentesco sanguíneo e o tipo que levava em conta o culto aos espíritos da terra e das águas, eram os senhores da terra e esse tinham o nome KINTOME.

Conhecedores dos segredos da manipulação do ferro. Tinham o poder de fazer chover, tornar fértil as mulheres, os animais, e as árvores.

Alguns tomavam uma árvore, ou uma formação

rochosa, ou um lago, ou uma lagoa, onde estaria concentrada essa força (Isabel de Castro - A rota dos escravos).

Antônio Cavasi - em Descrição do Reino de Angola - Matamba e Congo, descreve os Kintome como um cargo que não podia ficar vago. E por isso o Kintome apontava o seu sucessor. E ao se sentir velho ou doente abdicava e ordenava que o escolhido o matasse estrangulado ou a paulada. O kintome e esses grupos buscavam harmonizar as relações dos grupos humanos com a natureza.

Os Bantos espalhados por quase toda África eram possuidores de uma filosofia e uma visão do cosmos próprio.

Esta preocupação com o abstrato talvez seja a razão de José Redinha - em seu livro "Etnias e culturas de Angola" - registra que: "A etnia imbundo tem uma particular firmeza na sua conversão as crenças e práticas cristãs, visto desta etnia o maior número de sacerdotes católicos de Angola.

São também tidos o povo Angolano, que melhor aceita os padrões da cultura ocidental".

Então como fizeram no Brasil com a cultura indígena, os colonizadores portugueses por todos os meios e modos se empenhavam em erradicar a cultura nativa, até por determinação dos papas a quem os reis de Portugal e Espanha se mostravam obedientes.

Roy Glasgow no seu livro Nzinga ,nos conta a belíssima história da rainha Nzinga, exemplo de heroísmo na resistência contra os invasores portugueses.



## TERREIRO DE JAUÁ (Manso Kilembekweta Lemba Furaman) - Laércio Sacramento

Após 43 anos de lutas e guerra, rendeu-se esta mulher , chegando a equivocada conclusão que o Deus dos brancos era maior, mais poderoso que seu Deus.

Na verdade enquanto os filhos do Deus branco usavam canhões, os filhos do Deus negro usavam flechas e lanças.

Vencida, esta heroína converte-se ao catolicismo e manda construir uma capela, ouvia a missa todos os dias com grande respeito e adorava uma imagem do Cristo crucificado que conservava numa capela particular ao lado da igreja que construiu. Também aplicou severas punições para a prática dos ritos ditos pagãos. Igualmente ordenou que todos os recém-nascidos fossem batizados.

Os missionários capuchinhos que solicitou eram por ela muito bem tratados.

Na verdade, indo ao seu encontro quando ainda se achavam algumas léguas de distâncias prostrou-se aos pés desses jesuítas, beijou-lhes as vestes e perguntou se mais alguma coisa deveria fazer para mostrar a sua fé. Foi lhe ordenado então que tirasse de seus cabelo aqueles ossos dos seus antepassados, porque esta crença era um costume bárbaro. Estes ossos não só lhe adornavam como também acreditava ser sua proteção.

(Transcrição feita por Glasgow no seu livro Nzinga de carta do então Governador português ao Rei de Portugal, dando conta da "Paz com a Rainha Nzinga, 8 de dezembro de 1657.)

É bom lembrar que esses fatos se deram no início do século XVII,

Este costume foi considerado pelos jesuitas como BÁRBARO.

No entanto a igreja católica anda com ossos de seus santos católicos a peregrinar pelo mundo, e a isto chamam de relíquias, não é superstição.

Numa cidade da Bélgica, Brunge há uma cápsula numa igreja, onde acreditam existir ainda um pouco de sangue de Cristo ainda liquefeito. Isto não é um costume bárbaro. Isto se chama relíquia, milagre, etc.

A cristianização dos negros vindos de Angola e Kongo se deu ainda na África. Eles chegaram no Brasil em sua grande parte já cristãos e falando português.

Segundo ainda José Redinha em "Etnias e culturas de Angola" , por este motivo "uma intensa cristianização foi se sobrepondo a um extrato remoto das crenças naturais que desde os dias da descoberta se popularizavam sobre o nome de feitiçarias como sinônimo de idolatrias.

Tinha no culto aos ancestrais o seu pilar central, cultivavam a terra sem dela ser proprietário pois, os donos da terra eram os ancestrais cabendo aos vivos apenas direito do uso fruto".

Placide Temples na sua obra "La Philosophie Bantu", declara que: "os Bantus possuem uma ontologia própria e colocam Deus no vértice das forças, como espírito criador dotado de poder por si só, sendo por sua vez o homem um elemento participante de sua força. Segundo uma hierarquia em que toma o primeiro lugar os antepassados fundadores dos clãs ou tribos, em segundo os defuntos venerados".

## TERREIRO DE JAUÁ (Manso Kilembekweta Lemba Furaman) - Laércio Sacramento

Por outro lado se o culto aos ancestrais tinha para os Bantus uma importância tão grande, não há porque estranhar terem introduzido no Brasil em seu panteon o culto aos ancestrais da terra brasileira que são os índios.

A religião católica foi levada para África e trazida para o Brasil por um povo escravizado pelos europeus na idade média, que justificava sua ignomínia dizendo "escravizar os corpos para salvar as almas", e alegando não terem inventado a escravidão, pois já a encontraram na África. Omitindo, no entanto o tratamento humano dado a estes serviçais muito distante da crueldade e vilania dos escravocratas cristãos, católicos, lusos e espanhóis, franceses, protestantes, belgas e holandeses.

No livro A Rota dos Escravos, Isabel Castro Henrique constata que nenhuma língua africana conhecia antes da chegada dos europeus a palavra escravo e menos ainda escravatura.

Um texto de Gomes Leone Jurara, afirma que os ocidentais excluía os negros dos valores e das formas, das espécies humanas, dizendo serem possuidores de lã ao invés de cabelos.

O preconceito encontrou apoio no vocabulário científico importado da escola de antropologia da França.

A semelhança entre a religião católica e as de origem Bantu talvez tenha facilitado a conversão.

Que semelhanças seriam essas? Vejamos:

- Primeiro, as duas religiões eram monoteístas.

Os negros acreditavam em Zambiapongue, Deus todo poderoso e único.

- Segundo, cultuavam os antepassados. Ora, os santos da igreja católica nada mais são do que os mortos eminentes de sua civilização e são invocados para interceder junto a Deus. O mesmo faziam os negros ao cultuar os fundadores de seus klãs.

- Terceiro, o exemplo dado da rainha Nzinga, obrigada a se despojar dos ossos de seus antepassados como forma de demonstração de fé, foi considerado pelos jesuítas como barbarismo, mas encontra similaridade nos ossos e órgãos de santos católicos que viajam pelo mundo sendo objeto de veneração pelos católicos e a isto dá-se o nome de relíquias.

- Quarto, o velho testamento descreve os sacrifícios de animais oferecidos a Jeová. O novo testamento descreve o martírio, a tortura, o sacrifício a que Deus submeteu seu dileto e único filho, por amor aos homens. Os negros sacrificam animais, oferecendo sua energia vital à divindade e alimentando a comunidade com sua carne.

- Cinco, na missa os fiéis oferecem alimentos, objetos etc... no chamado ofertório. Os negros oferecem alimentos à Zambi e a seus antepassados, e aos Nkisis e compartilham desse banquete.

- Seis, durante a cerimônia religiosa católica com cânticos louvam-se a Deus e os santos. Os negros cantavam e dançavam em louvor a Zambi e seus antepassados.

- Sétimo, os sacerdotes paramentam-se com

## TERREIRO DE JAUÁ (Manso Kilembekweta Lemba Furaman) - Laércio Sacramento

vestes litúrgicas, antigamente bordadas a ouro e prata e seu supremo sacerdote é possuidor de uma coroa de ouro cravejada com pedras preciosas. Os Sobas e Quibandas vestiam vestes sacerdotais e os negros usam trajas semelhantes aos dos donos dos escravos em suas entidades espirituais.

Falemos agora das diferenças entre as crenças ditas bárbaras, primitivas e as crenças civilizadas.

Tudo que falamos antes é para demonstrar como foi fácil e era fácil a conversão dos negros ao cristianismo.

Hoje quando somos considerados religião de segunda classe, primitiva, passo a descrever as diferenças entre nossas crenças ditas bárbaras, e as crenças civilizadas.

Primeiro, O Deus ocidental dos brancos, é um Deus todo poderoso, onipresente e onisciente. Mas que testa a fé de seus adeptos. Esta pelo menos é a justificativa para o sofrimento humano e para terem submetido a JÓ tanto infortúnio. Zambí, Deus dos negros nada tem haver com o sofrimento e o infortúnio dos homens.

(Fita - 3 Lado - B)

- Segunda diferença, o Deus dos brancos todo bondade, escolheu um povo dentre a raça humana, e a tem perseguido até hoje privando-o da paz - os judeus. Zambí não escolheu nenhuma etnia para privilegiá-la.

- Terceiro, o Deus dos brancos é a própria perfeição e no entanto se compraz, criando-nos imperfeitos e traçando regras e leis comportamentais,

castigando-nos eternamente em caso de desobediência. Zambí não nos legou nenhum código a ser seguido, doou-nos instintos e inteligência para que com nossos erros e acertos, percebamos o melhor caminho individual e coletivo.

Os portugueses quando chegaram na África em fins do século XIV, ao adentrarem pelo interior se espantaram ao encontrar uma metrópole maior em dimensão do que a sua, em Portugal.

Estupefatos ficaram ao verificar que a despeito de verem pelas ruas objetos de valor, as casas eram sem trancas .

Não viram nenhum policial ou coisa semelhante. Simplesmente porque ninguém se apoderava daquilo que não lhe pertencia. Acrescente-se que este povo não tinha nenhuma noção de pecado.

- Quarto, o Deus dos brancos todo misericordioso qualifica de virtuoso o homem que o teme e o adora.

- Zambí não ameaça e nem é vaidoso.

- Quinto, o Deus branco é justo, e elege entre os seres humanos os que mais sofreram em seu nome, para sacrificá-los e nomeá-los para através de sua interveniência receber os apelos e súplicas dos seres humanos. Os negros têm como interveniente junto a Zambí todos os antepassados, ancestrais.

- Sexto, o Deus dos brancos criou o mundo, o céu, estrelas, os animais, os vegetais, mar, rios, lagos, cachoeiras para servir ao homem. Zambí criou tudo isso e também aos homens, não havendo subordinação entre

## TERREIRO DE JAUÁ (Manso Kilembekweta Lemba Furaman) - Laércio Sacramento

as criaturas. As coisas não foram feitas para o homem, mais o homem foi feito também.

Por outro lado se o culto aos ancestrais para os Bantus é de uma importância tão grande, não há porque estranhar terem introduzido no Brasil em seu panteon o culto aos ancestrais da terra brasileira, os antepassados e ancestrais de nossos índios.

Edson Carneiro disse no quarto Congresso Afro-Brasileiro: "...no quadro geral brasileiro encontramos elementos culturais que são certamente de origem negra ainda, muitos deles em grande parte conservam uma carga africana considerável mais que são brasileiros já. São coisa que não teriam sentido hoje se levadas a África, mesmo aos países originais.

"Assim como é o caso do samba, o caso das religiões africanas. Mesmo aquelas mais puras na África não tem sentido porque se diferenciam de tal modo que são mais um fenômeno brasileiro e não um fenômeno africano.

"De modo que o fato de o negro ter se naturalizado, tornando-se brasileiro e cada dia ele se torne ainda mais brasileiro, ter se destribalizado e rompido estes laços com a África, embora por processos muitas vezes brutais, me parece uma aquisição válida do povo brasileiro.

"Vemos então que o fato de que a terra brasileira tenha conquistado o negro e tenha feito com que os valores culturais que ele trouxe se assimilasse a vida brasileira e tomasse esses tons nacionais, esse tom brasileiro me parece uma aquisição positiva. A cultura do negro que tem sentido na África, não tem sentido no

Brasil. Nós temos uma cultura nacional tingida de preto, especialmente em algumas regiões brasileiras onde o negro é parte considerável da população. De modo que esses elementos culturais do negro são uma riqueza que o brasileiro tem conservado, mantido e valorizado. Isto nós devemos continuar mais como coisas brasileiras".

Concordamos inteiramente com Edson Carneiro e por isso dizemos que o candomblé é uma religião brasileira de origem africana.

As tradições religiosas da África Bantu assentava-se principalmente na arte da cura e seus mistérios.

Acreditava-se não apenas nas propriedades medicinais das plantas, raízes e cascas, mas principalmente no poder sobrenatural e mágico do Kimbanda.

No livro Etnia e Culturas de Angola de José Redinha, ele se reporta a alguns casos. E escolhemos um em que ele narra um fato por ele presenciado na região de Xacassáu onde uma mulher aparentando cinquenta e cinco a sessenta anos, amamentava um recém-nascido cujo a mãe havia falecido. Perguntada que folha ou raiz teria usado para ter leite, os nativos pareciam não atribuir às plantas o efeito mais aos métodos mágicos do Kimbanda.

Muitas são as descrições que se fazem das práticas médicas usadas: unguentos, beberagens, ventosas, clísteres e até cirurgias. Nunca afastando mais sim aliando os ritos mágicos.

No âmbito empírico registra-se lampejos de uma

## TERREIRO DE JAUÁ (Manso Kilembekweta Lemba Furaman) - Laércio Sacramento

pré-ciência, indivíduos com feridas, por exemplo: "irem aos tambores de lixo de uma pastelaria, colher o bolor criado sobre bolos em decomposição, aplicando-o sobre as lesões com o fim de obterem a cura. Isto muito antes da descoberta da penicilina"

Até os dias de hoje, os terreiros na Bahia são procurados para tratar doenças, principalmente no interior.

Para mim, homem criado na cidade do Rio de Janeiro, de formação católica até minha adolescência e ter chegado no candomblé pelo fenômeno da possessão, foi e é difícil aceitar essa função de cura. Tenho como princípio só agir depois do médico. Só aceito tratar de uma pessoa quando os médicos não conseguem diagnosticar ou por estar desenganado.

Nosso terreiro está localizado numa região rural, é fácil imaginar o choque que se dá em mim, quanto racional que sou à fé daquelas pessoas humildes, analfabetas e pobres circunvizinhas ao nosso terreiro. Crianças são levadas a mim para que eu reze, mas crianças evidentemente desnutridas, desidratadas, com verminoses e tenho certeza que minhas rezas não vão resolver o problema daquelas crianças. Por outro lado mandá-la ao médico só não adiantaria, pois a mãe confia mais na minha reza do que nos remédios.

E se o médico é de graça, não há o dinheiro para a condução. Que eu faço? rezo a criança, dou o dinheiro para a passagem para levar a criança ao médico e exigo que me traga a receita, pois se apenas der a pessoa o dinheiro ela não irá ao médico pois, eu já rezei e usa o dinheiro pra comprar comida.

Muitas são as mães que meses depois voltam com aquelas crianças saudáveis, coradas, agradecendo primeiramente a Deus e aos Nkisis e depois a mim, por ter salvado seu filho e os médicos ficam esquecidos, injustiçados.

No Rio de Janeiro, uma vez chegou uma moça carregada, pois não conseguia andar e a família me informava que há seis meses estava em tratamento em hospitais públicos. Fizemos diversos exames e os médicos não atinaram a razão daquela paralisia. Diante desse relato aceitei o caso. Tomamos as providências que no meu conhecimento se fazia necessário, fizemos alguns ritos e essa moça que chegou carregada às oito horas da manhã, às onze horas saía andando, amparada sim, mas com suas pernas. Essa moça morava no morro de Santa Tereza, no dia seguinte fui acordado por meus filhos de santo dizendo que do lado de fora havia uma fila com umas dez pessoas doentes, aleijados. Todos vindos do mesmo morro onde a notícia se espalhara. Mandei dizer que tinha viajado e só voltaria quinze dias depois.

Por outro lado sei também que os Nkisis usam doenças e vicissitudes como forma de alertar seus filhos para que cumpram suas obrigações. Sei também que doenças podem ser provocadas por ndokes (feitiços) E certamente o local certo para obtenção de cura é o terreiro.

Nós de origem Banto da nação Angola temos uma tradição e uma riqueza mítica muito grande, transmitida pelo oralidade.

Ao contrário do que é afirmado pelos lorubanos, que alardeiam uma "pobreza mítica dos bantos" , temos grande quantidade de mitos e lendas tanto Angola, como Kongo e todo povo Banto pois, é através inclusive desses

## TERREIRO DE JAUÁ (Manso Kilembekweta Lemba Furaman) - Laércio Sacramento

mitos e lendas que são transmitidas as noções de moral, ética, e costumes dos nossos antepassados.

### LENDAS DE ORIGEM BANTO

Então tem a lenda do cágado e o cabrito, a cabra e o leão, muito antes de La Fontaine os animais eram usados como personagens dos mitos Banto.

Uma dessas lendas tenta explicar a morte do homem: Diz-se que Deus criou o mundo e após algum tempo foram as Estrelas ao encontro de Deus e disseram-lhe que o Sol tinha desaparecido.

Zambi disse-lhes então: "O Sol não morrerá, aparecerá todos os dias."

Ao romper do dia seguinte foram as estrelas de novo ter com Kalunga e comunicar-lhe o desaparecimento da Lua.

Deus disse-lhe então, que a Lua apareceria todos os 28 dias.

Passam-se anos e o homem morre, vão as estrelas contar a Deus o sucedido.

Ele então pergunta-lhes de que lado, que posição no ideograma estava o homem. As estrelas responderam: está do lado oposto ao teu.

Disse Deus então: - O homem morrerá.

Outra lenda conta que:

Acabada a criação, foi o Sol, ter com Deus para lhe prestar as suas homenagens.

Aí Kalunga lhe deu um galo para o jantar e lhe pediu que voltasse no dia seguinte.

De manhã, muito cedo o galo cantou, o mesmo que Kalunga dera ao Sol.

Esse voltou junto de Deus o qual disse: "Ouvi cantar o galo que te dei ontem, podes ir, mas todos os dias vais aparecer aqui."

E o Sol foi-se embora e todos os dias aparece.

A seguir foi a Lua render as suas homenagens, recebe também um galo e a recomendação de aparecer no dia seguinte.

A maneira do que acontecera com o Sol, o galo cantara cedinho e a Lua foi ter com Kalunga.

Este disse-lhe então: "Tu recebestes ontem um galo de presente mas não o comeste, pois bem, daqui em diante vem ver-me todos os dias e assim acontece."

Agora foi a vez do homem, e a semelhança do que fizera com o Sol e a Lua, Kalunga lhe deu um galo e o mandou voltar no dia seguinte.

Cheio de fome cansado de uma fatigante viagem, o homem matou o galo e logo começou a comer.

No dia marcado, já o Sol alto levantou-se e foi ter com Kalunga, e este lhe perguntou pelo galo.



## TERREIRO DE JAUÁ (Manso Kilembekweta Lemba Furaman) - Laércio Sacramento

- Comi-o, estava cheio de fome, respondeu o homem.

- Está bem, disse Kalunga, o galo era teu, podias fazer dele o que quisesse, mas o Sol e a Lua vieram visitar-me também, receberam cada qual um galo e não o mataram como tu. Toma conta então, já que o mataste, morrerás também. E a hora da morte então virás apresentar-te a mim.

Sobre estes mitos muito poderia agora dizer-se, mas afirmamos que o primeiro missionário a pisar as terras de onde esses mitos foram recolhidos quando lá chegou já os encontrou.

Karamose é uma divindade feminina dos rios turbulentos, e os viajantes costumam oferecer presentes para que possam atravessar suas águas.

Diz-se que ela não aceita ordem de ninguém e muitos exércitos foram dizimados pela fúria de Karamose.

Ela travou batalhas com as mais fortes divindades trazidas pelos viajantes onde sempre saiu vencedora.

O sistema patriarcal não permitia que uma mulher fosse tão poderosa ou mais forte que o homem.

Canoas foram utilizadas em forma de divindade para quebrar a barreira de Karamose. Foi tudo em vão, pois, Karamose fazia questão de virá-las com um tapa de sua fúria, e além de engolir seus tripulantes, fazia questão de partir a canoa divindade ao meio.

Conta-se que um grande exército acampou ao lado do rio onde Karamose era soberana, e ao amanhecer um

poderoso guerreiro divinizado, ordenou a Karamose que abrandasse suas águas para que pudesse atravessar. E esta surgiu por entre a turbulência forte e viril mas num olhar extremamente feminino, dizendo não aceitar ordem de ninguém e desafiou este guerreiro divinizado para uma batalha.

Por um instante o guerreiro controlou sua fúria e disse a Karamose: "Acalme suas águas, atravesse meu exército e lutaremos".

Karamose assim o fez, travaram então uma longa e violenta batalha. Reconheceu então o guerreiro divinizado a força de Karamose, e atraiu a mesma para fora das águas sobre as pedras.

Foi quando Karamose escorregou e caiu, o guerreiro aproveitando o descuido saltou sobre ela e ao invés de cortá-la com suas armas, a possuiu, deixando sua espada e escudo para trás, pelo reconhecimento da força de Karamose. Deste dia em diante Karamose se apresenta com uma espada e escudo, esperando o dia em que o guerreiro divinizado retorne e continue a batalha.

Essa lenda tomamos conhecimento dela através do Táta Kasuté, um pesquisador sério, um Táta de Nkisi de São Paulo.

### TERREIROS MAIS ANTIGOS DA NAÇÃO ANGOLA DA BAHIA

Das casas da nação angola mais antigas ainda em

## TERREIRO DE JAUÁ (Manso Kilembekweta Lemba Furaman) - Laércio Sacramento

funcionamento, citaremos algumas, e é possível que hajam outras, mas que não temos conhecimento.

A mais antiga casa que conhecemos é a de Constâncio Silva de Souza, sendo conhecido como Constâncio Makuendi, um Angolano de nascimento. Embora não saibamos a data exata da sua fundação, há porém um registro da data de nascimento de seu filho Gregório, que é de 1874. Constâncio passou para seu filho Gregório Makuendi o cargo, tendo o mesmo recebido nessa ocasião o título de Táta Kimbanda e vindo a falecer em 25 de abril de 1934. A sucessão desta casa obedece a vínculo familiar, dona Romana de França Souza, filha consanguínea de Gregório ficou com o cargo. Com o falecimento desta, assumiu o cargo sua filha D. Heloísa França de Souza - Digjna Balangê e seu Nkisi Kingongo foi de quem recebemos essas informações em visitas feitas ao terreiro em 06 de março de 1997. Fomos informados por esta senhora, que Mariquinha Lembá, seria irmã de Constâncio e que Maria Nenê seria filha de santo de Gregório.

Dona Luísa França de Souza, faleceu a 13 de setembro de 1998, assumindo o cargo sua sobrinha Luíza Tavares de Souza Dijina Oiamin.

Esse terreiro foi fundado no bairro do Cabula, num local chamado na época de Girão, depois mudou-se para Jardim Armação e finalmente para Ladeira do Caxundé onde se encontra até hoje.

O Terreiro Tumbajussara foi fundado em 1919, em Acupe, à rua Campo Grande em Santo Amaro da Purificação - Bahia. Com dois irmãos de esteira, cujo nomes eram Manoel Rodrigues do Nascimento, Kambembe sua Digina e Manoel Ciriaco de Jesus Manoel Ciriaco de Jesus,

Ludiamungongo sua Digina. Ambos iniciados em 13 de junho de 1910 por Maria Nêne - Maria Genoveva do Bonfim, a Dijina Mameto Tuenda Uzambi.

Mameto Tuenda Uzambi - Marfia Nenen fundadora do Tombenci a casa de Angola mais antiga da Bahia, depois da casa dos Makwende.

Roberto Barros Reis o Táta Kimbanda Kinunga, diz-se ter sido o iniciador de Maria Neném. Este era um negro escravo e como era costume na época tinha o sobrenome dos seus donos, por isso o sobrenome Barros Reis duma família tradicional até hoje na Bahia.

Kambambi e Ludiamungongo, tiveram Sinha Báda como mãe pequena e Pai Joaquim, como pai pequeno. Transferido para Pitanga no mesmo município e depois para o Beru em Salvador, após algum tempo foi transferido para ladeira da Vila América nº 02, segunda travessa nº 30 na Vasco da Gama, que hoje chama-se Vila Colombina, nº 30, Vasco da Gama, Salvador, Bahia. Na época da fundação receberam de Sinhá Maria Nenê o cargo de Táta Kimbanda Kambambi e Táta Kimbanda Ludiamungongo.

No Rio de Janeiro, Ciriaco fundou com o sr. Deoclécio Dijina Angorense, uma casa de culto em Vilar dos Teles. Não temos informação da data da fundação desta casa.

Com a morte de Manoel Rodrigues do Nascimento, o Kambambi, que assumira sozinho a direção do Tumbajussara, Manoel Ciriaco de Jesus o Ludiamungongo assumiu a direção até sua morte o que ocorreu em 04 de dezembro de 1965\*.

Com a morte de Ciriaco, assumiu a direção do

## TERREIRO DE JAUÁ (Manso Kilembekweta Lemba Furaman) - Laércio Sacramento

Tumbajussara a senhora Maria José de Jesus Digina Derelumbidi que foi responsável pelo ritual denominado de Intambi do senhor Ciriaco juntamente com o senhor Narciso Oliveira, Táta Senzala e senhor Milton Marofá.

Deré lumdidi, era mameto de Nkisi do Tumbajussara hoje situado a Rua Alto do Genipapeiro Plataforma-Salvador e de responsabilidade do senhor Antônio Messias Kaja Ungongo.

Em 13 de fevereiro de 1965 após o ritual de Intambi a senhora Maria José de Jesus - Deré Lumbidi, passa a direção do Tumbajussara para o senhor Benedito Duarte Tatá Inzamtango e Gregório da Cruz - Táta Lemborasimbe e em ato secreto é empossada Mameto de Inquise do Intumbessara.

A senhora Maria José de Jesus - Deré Lumbidi - nasceu no dia 18 de setembro de 1900 e foi iniciada na nação angola em 23 de junho de 1920 por Táta Kimbanda Kambambi e o senhor Manoel Ciriaco de Jesus como pai pequeno.

Em 25 de dezembro de 1920 recebeu a denominação de Derélumbidi, em 1924 recebeu o cargo de Kota Kamunkengue do Tumbajussara e em 1935, recebeu o cargo de Mameto de Nkisi e em 1953 fundou o Itubessara da rua José Pitanga nº. 10 - Cosme de Farias, Salvador.

Em 18 de outubro de 1964 que foi transferido para o Alto do Genipapeiro.

Com o falecimento de Deré Lumbidi, assumia a direção do Tumbajussara a senhora Iraíldes Maria da Cunha - Mezoangui, nascida ao 26 de junho de 1953 e iniciada aos 15 de novembro de 1953 permanecendo no

cargo até o presente momento.

Outro terreiro famoso angola e que hoje já não se tem mais notícia é o de Neve Branca, chamava-se Aldeia de Zumino Reanzarrojanjazoti, esse Táta de Nkisi chamava-se Manoel Natividade Rodrigues Soares Filho, Neve Branca.

\*Manoel Ciriaco de Jesus, Ludiamugongo nasceu em 8 de agosto de 1892 falecendo com 72 anos de idade.

O terreiro do Bate-Folha - assim denominado por que localizado em terras chamadas de Bate-Folha, como registra a história, no episódio da vinda das tropas que lutavam pela libertação da Bahia e expulsão dos portugueses, do Recôncavo para Salvador, finalmente ocorrida em 2 de julho de 1823.

Este terreiro foi fundado por Manoel Bernardino da Paixão, dijina Ampumadenzu e filho de santo de Maria Nenem, irmão de barco de Ciriaco, testemunho esse dado por Manoel Boaideiro, filho adotivo de Maria Neném e Tata de sua casa e herdeiro do Intumbenci.

No entanto, isto é contestado pelo sucessores do Terreiro do Bate Folha que defendem a versão de que ele teria sido iniciado em 1900 na nação Muxicongo no recôncavo, por Mariquinha Lemba e Manoel Nkosi. O que em nosso julgamento não se contrapõe ao testemunho de Manoel Boiadeiro, filho adotivo de Maria Nenem e Tata de sua casa, gravado: "...estava tocando os Ngomas quando Bernardino bolou com Lemba na casa de Maria Neném" e recolhido por ela, tendo saído no mesmo barco de Ciriaco, em 1910. Por outro lado consta que Manoel de Nkosi seria irmão de barco de Ciriaco e de Bernardino, segundo documentação do Tumba Jussara.

## TERREIRO DE JAUÁ (Manso Kilembekweta Lemba Furaman) - Laércio Sacramento

Quanto a fundação deste Terreiro, há fotos com a data escrita no barracão de 1936 e após uma reforma mudada para 1916.

Sucedeu a Bernardino, Antonio José da Silva dijina Bandanguame, no período de 1946 até 1965 e que teve como sucessor um Tata Dijina Dijenuanga - Pedro Ferreira, que veio a falecer pouco tempo depois, e sucedendo-o o TATA Nbanji, em 1970 até 1991, que se notabilizou pela dedicação exclusiva de sua vida a manutenção das tradições deste Terreiro. Foi um período próspero e de grande prestígio para esta casa.

GOMÉA: Terreiro fundado na rua da Goméa, no bairro de São Caetano - Salvador Bahia, onde se tornou famoso como Joãozinho do Pedra Preta, nome de seu caboclo.

Desde então era uma figura bastante controversa, criticada, acusado de não ter

conhecimento necessário para chefiar uma casa de Santo além do fato de ser muito novo.

Joãozinho, após muitas viagens ao Rio de Janeiro, veio e fundou um terreiro em 1946 - no bairro de Copacabana na cidade de Duque de Caxias -RJ, ganhando notoriedade nacional e internacional.

A despeito de sempre ser perseguido por mexericos a boca pequena, onde duvidavam de ter sido iniciado ou não, prestou um grande serviço ao Candomblé, trazendo-o à luz da Imprensa e atraindo para seu terreiro e suas festas, personalidades da alta sociedade, políticos, e militares de alta patente.

Nasceu em 1914 e morreu em 1971 Seu funeral criou uma comoção nunca visto antes, com todo o povo lotando as ruas até o cemitério, em quilométrico cortejo fúnebre.